

## A PROIBIÇÃO DA TATUAGEM NO ANTIGO ISRAEL

## THE PROHIBITION OF TATTOOS IN ANCIENT ISRAEL

JUVAN VIEIRA DA SILVA<sup>1</sup>  
Universidade Nove de Julho

**Resumo:** Sem dar nenhuma explicação, o livro bíblico de Levíticos 19.28, traz uma proibição sobre a prática da tatuagem. Por estar inserida em um contexto em que se trata das práticas de luto entre os povos vizinhos de Israel (*vide* Lev. 19.27; 28), acreditou-se que a razão pela qual se proíbe a tatuagem seria porque essa estava associada com aquelas práticas. Ainda que não haja uma explicação para a proibição da tatuagem, é possível existir uma explicação implícita, não no texto, mas em seu contexto sócio-histórico. O propósito deste artigo é trazer à luz as

**Abstract:** Without giving any explanation, the biblical book of Leviticus 19:28 contains a practical restriction on tattoos. Because it is inserted in a context that deals with mourning practices among the peoples neighboring Israel (see Lev. 19:27; 28), it was believed that the reason why tattoos were prohibited was because they were associated with those practices. Although there is no explanation for the prohibition of tattoos, it is possible that there is an implicit explanation, not in the text, but in its socio-historical context. The

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Bacharelado em Direito pela Universidade Nove de Julho. E-mail: juvanvieira1@gmail.com

razões que levaram o(s) autor(es), redator(es) bíblico(s) a imprimir essa proibição. A hipótese é de que se proibiu a tatuagem tendo em vista o fato de ela estar intimamente associada com uma escravidão. Isto é, a tatuagem era a marca usada para identificação dos escravos nos povos vizinhos a Israel.

purpose of this article is to shed light on the reasons that led the author(s) and biblical redactor(s) to print this exclusion. The hypothesis is that tattooing was prohibited because it was closely associated with slavery. That is, tattoos were a mark used to identify slaves among the peoples neighboring Israel.

**Palavras-chave:** Tatuagem, Luto, Escravidão

**Keywords:** Tattoo, Mourning, Slavery

## Introdução

A prática da tatuagem, em síntese, é a aplicação de cores por meio de perfurações na epiderme com um aparelho que aplica a cor por via subcutânea. Como sugerem Huehnergard, Liebowitz (2013), Da Silva (2019), em tempos remotos se usava ossos e dentes de animais, manipulados para inserção da tinta na pele e discos de argila para o armazenamento da tinta.

Portanto, a tatuagem é uma forma de se fazer mudanças no corpo, similar ao artesanato onde o “cliente compra a imagem que será gravada em sua pele, assim, o mesmo está interessado no resultado, que deve ser o mais próximo possível da imagem escolhida” (DA SILVA, 2019, p. 292). A tatuagem, enquanto arte, tem um caráter efêmero, e desaparece com o findar da vida daquele que a carrega.

A prática da tatuagem dá-se em volta de uma vasta gama de significados, que vão desde a mitologia, à história tribal, aos símbolos religiosos, às declarações sobre valores e crenças pessoais. Não é tarefa fácil definir a origem da tatuagem. De

forma irônica, pode-se aceitar que “o primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem” (RIO, 1995, p. 29).

A tatuagem tem um caráter definitivo, razão pela qual, ao se fazer uma é hábito o autor alertar a pessoa sobre a possibilidade de um eventual arrependimento, tendo em vista a dificuldade de remoção dos traços, a dor e por ser um procedimento caro. Mas “o aviso é inútil, pois o efeito que se quer produzir com a tatuagem é justamente o de ser um traço que não pode ser apagado ou ignorado” (CORSO e CORSO, 2014, p. 138).

Culturalmente, a tatuagem está intimamente ligada à forma de como as pessoas se inserem em determinado ambiente. Dessa forma, segundo DA SILVA (2019), ela é a marca que regula a interação das pessoas em uma sociedade, grupos, tribos, bem como são organizados seus adeptos em uma hierarquia.

Conforme observou-se:

As tatuagens também transmitem uma mensagem: elas identificam os grupos sociais ou religiosos aos quais os usuários pertencem. Elas são predominantes entre membros de gangues e prisioneiros. As pessoas usam tatuagens para transmitir sua afiliação religiosa, como imagens de Jesus ou cruzeiros simples ou elaboradas (Huehnergard, Liebowitz, 2013, p. 63).

Religiosamente, a tatuagem não goza de aceitação em muitos movimentos, sejam cristãos, mulçumanos ou judeus. Entretanto, outros já a têm como um meio de confissão de fé, como é o caso dos cristãos coptas, onde a prática da tatuagem estabeleceu um conceito sobre a sua cultura religiosa (Da Silva, 2019).

Neste artigo se fará uma abordagem a prática da tatuagem no antigo Oriente Médio de modo geral e, em particular, no antigo Israel. Busca apresentar um esclarecimento mais amplo daquele contexto em que a tatuagem foi proibida, bem como uma compreensão hipotética para a proibição bíblica de tal prática no

Antigo Israel (Lev. 19. 27-28<sup>2</sup>).

Tendo em vista que a proibição da tatuagem está inserida em uma *perícopé* em que se proíbe a prática de luto, vamos examinar o conjunto das práticas de luto em outros livros da Bíblia, assim como nos povos vizinhos a Israel, para entender se a tatuagem teve sua vida definida nas práticas ritualísticas de luto.

Para tanto, este artigo terá as seguintes orientações: **Parte I**, vamos discorrer sobre as práticas de luto no Antigo Israel, em seguida nos povos vizinhos (Ugarit, Mesopotâmia e Egito); **Parte II**, desenvolve-se a tese sobre a prática da tatuagem e seu significado nos povos vizinhos do Antigo Israel; **Parte III**, abordaremos a questão dos ritos de luto e da tatuagem nos escritos rabínicos.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, onde se analisou artigos científicos publicados em revistas, sites e livros impressos. O método utilizado nesta pesquisa foi o hipotético-dedutivo.

## Parte I - Práticas de luto no Antigo Israel e povos vizinhos

*“Não fareis incisões (seret) no corpo por algum morto”  
(Levíticos 19.28a).*

Antes de seguirmos com a análise sobre as práticas de luto no Antigo Israel e povos adjacentes, reputa-se ser necessário um breve esclarecimento sobre o enunciado acima, em especial sobre a palavra hebraica “*seret*”.

O termo hebraico “*seret*”, pode ser traduzido por incisão, lacerações, corte com instrumentos, ou com estacas. Das edições da bíblia que foram consultadas, 5 traduzem a palavra “*seret*” por “corte”, 7 por “cortes”, 1 por “cortem”, 4 por “incisão”, 1 por “cortareis”, 2 por “lacerações”, 3 por “recorte”, 2 por “incisões”, 1 por “estacas” e 1 por “cortar”. Optou-se pela tradução da Bíblia de Jerusalém.

---

<sup>2</sup> Este capítulo reúne, sem uma ordem, prescrições concernentes a vida cotidiana. O fio que liga esses preceitos, isto é, estatutos (verso 37), não é outro senão a repetição da palavra “Yahweh” e sua “santidade”.

As práticas de luto no Antigo Israel são amplamente atestadas no Pentateuco<sup>3</sup> e Ezequiel (24.17<sup>4</sup>), em que leis *apodíticas*<sup>5</sup> proíbem algumas formas de luto. Já nos Profetas, tais práticas são consideradas certas. Partindo dessas fontes, é possível reconstruir os costumes típicos e atípicos associados à prática de luto no Israel pré-exílico. (Essas práticas são atestadas tanto em Israel, Reino do Norte, quanto em Judá, Reino do Sul).

Ao se debruçar sobre as narrativas bíblicas concernentes ao luto, nota-se que elas descrevem a atitude das pessoas chorarem ao se reunirem para sepultar um ente querido (Gên. 23.1<sup>6</sup>;25.9<sup>7</sup>).

---

<sup>3</sup> O termo “*Pentateuco*” é comumente aplicado aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio). Essa expressão vem do grego “*pentateuchos*”, que significa “livro de cinco rolos”. Tal epíteto foi popularizado entre os judeus de fala grega que habitavam na cidade de Alexandria. Esse fenômeno, sem sombra de dúvidas, deu-se por influência da tradução da Bíblia para a língua grega, a *Septuaginta* (LXX), a primeira tradução da língua hebraica para outra língua. Na tradição judaica, os cinco livros são chamados por “*Torá*” ou “*sefer hatorah*”, isto é, o livro da lei. Ainda se ouve o nome “a *Torá* de Moisés”. “*Torá*”, significa, basicamente, “ensino”, “instrução” e, posteriormente, “lei”. Outros preferem chamar de “*Hexateuco*”, isto é, rolo dos seis livros. Nesse caso se adiciona o livro de Josué.

<sup>4</sup> “Geme em silêncio, não ponhas luto por mortos. Cobre-te com teu turbante e suas sandálias, não cubras a barba, nem comas o pão ordinário”. Aqui são claramente práticas de luto. Não se sabe o significado da frase “pão ordinário”.

<sup>5</sup> Existem muitos preceitos jurídicos casuísticos na Bíblia hebraica, em especial na parte do Torá. Ao lado destes, tem outros preceitos estruturados de maneira diferente. Do ponto de vista formal, não se consegue defini-los tão claramente, como é o caso dos preceitos casuísticos. À essa forma “jurídica”, se deu o nome de “direito apodítico”. Uma de suas principais características se dá pela forma proibitiva, isto é, “não”. Nesse caso, não se apresenta um caso jurídico nem se constata a consequência legal [...], como no direito casuístico. Aqui uma determinada ação é vedada por meio de uma fórmula proibitiva que se dirige a um tu, é uma proibição de um possível delito futuro que deve ser impedido pela proibição.

<sup>6</sup> Onde se narra os dias anos de vida e o falecimento da matriarca Sarah, se diz que “Abraão veio cumprir seu luto por Sara e chorá-la”.

<sup>7</sup> Onde se narra os anos de vida e o falecimento do patriarca Abraão, diz que “Isaac e Ismael, seus filhos, enterraram-no [...]”, mas não relata nenhuma expressão como choro etc.

Outra prática bastante difundida era a de rasgarem suas vestes por ocasião em que se recebia uma notícia desastrosa, (Gên. 37.29,34<sup>8</sup>; 2 Sam. 13. 31,36-37<sup>9</sup>; Jó 1.20<sup>10</sup>; Est. 4.1-3<sup>11</sup>), ou ao vivenciarem um ente amigo em situação calamitosa, como é o caso dos amigos de Jó (Jó 2.11-13<sup>12</sup>). Ou quando se acham em uma situação de injúria, é o caso de Tamar, que fora violada e, em seguida, rejeitada por seu meio-irmão, Amnon<sup>13</sup>.

O comportamento de Tamar após ter sido violentada é particularmente comovente, lê-se que “Tamar cobriu a cabeça de

---

<sup>8</sup> Nesse texto terrivelmente trágico, se narra o desejo dos irmãos de José primeiro de matá-lo, depois de vende-lo. Mas Rúben, querendo livrá-lo dos demais, propõe colocá-lo em uma cisterna, o que é prontamente atendido. Os irmãos se retiram para comerem, nesse interim, uma caravana de mercadores tira José da cisterna. O texto então narra: “Quando Rúben voltou à cisterna, eis que José não estava mais ali! Ele rasgou suas vestes”. No verso 34, após receber a falsa notícia de que seu filho José havia sido tragicamente devorado por um “animal feroz”, diz -se que “Jacó rasgou suas vestes, cingiu seus rins com um pano de saco e fez luto por seu filho por muito tempo”.

<sup>9</sup> Ao receber a notícia de que seu filho Absalão tinha matado todos seus filhos, narra-se que “O rei [Davi] se levantou, rasgou as vestes e se lançou por terra. [Mas, seus servos] mantendo-se de pé rasgaram suas vestes”. Entretanto, a notícia verdadeira veio à tona, só Amnon havia sido morto. No verso 36 “Mal acabava de falar, vieram entrando os filhos do rei e se puseram a gritar e a chorar: também o rei e todos os seus servos choraram muito alto”.

<sup>10</sup> Semelhante é o caso em que Jó recebe a notícia da morte dos seus sete filhos e três filhas. O texto diz: “Então Jó se levantou, rasgou seu manto, raspou sua cabeça, caiu por terra, inclinou-se no chão [...]”. vê-se aqui um duplo gesto, que expressa profundamente a dor do luto.

<sup>11</sup> Nesse contexto, o personagem Mardoqueu, após saber do edito que destinava o extermínio “de todos os judeus”, diz que “rasgou suas vestes e se cobriu de pano de saco e de cinza”. Encheu a cidade com “seus gritos de dor”. [...]. Por fim, “o pano de saco e a cinza tornaram-se o leito de muitos”. São sinais de luto.

<sup>12</sup> “Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó por sobre a cabeça. Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra”.

<sup>13</sup> Em uma das narrativas mais escabrosas da Bíblia, onde se fala que um irmão, imbuído de um desejo incontrolável por sua meia-irmã, cria uma trama para ficar a sós com ela e a violenta, enojando-a em seguida, a expulsa de sua presença.

cinza, rasgou a túnica, pôs as mãos na cabeça, e se foi gritando” (2 Sam. 13.19).

Pela leitura, nota-se a existência de vários elementos encontrados nas narrativas sobre as práticas de luto: colocar pó na cabeça; rasgar suas roupas ornamentais; colocar as mãos sobre a cabeça; e gritar.

Semelhante expressão que traz à tona prática de luto, pode ser notada no relato, de difícil conciliação narrado em Juízes<sup>14</sup>, em que Jefté faz um voto a Yahweh<sup>15</sup> de oferecer em “holocausto” “aquele” da sua casa que sair a seu encontro após voltar vitorioso da guerra. Diz que ao voltar vitorioso, sua única filha saiu ao seu encontro e “Logo que a viu, rasgou suas vestes e bradou [...]” (Juí. 11.35).

Era hábito sentar-se ao chão e colocar pó ou cinza sobre a cabeça (Lam. 2.10<sup>16</sup>) e mesmo pôr as mãos sobre a cabeça.

Nota-se que em algumas citações várias dessas práticas aparecem de forma agrupadas. Vestir panos de sacos e rasgar as vestes; assentar-se sobre o chão, lançando pó por sobre a cabeça; vestir-se de pano de saco e abaixar a cabeça; colocar pó sobre a cabeça, rasgar as vestes, pôr as mãos sobre a cabeça e gritar enquanto se estar andando; ou mesmo ficar em silêncio. Em suma, as citações nos fornecem uma gama de práticas, mas não pretende ser completa.

Essa mesma forma de agrupamento é testemunhada nos textos ugaríticos (abaixo citados), que representam a continuidade dos costumes no Antigo Israel, herdada dos

---

<sup>14</sup> A história do voto tem o interesse em explicar a origem de uma festa anualmente celebra em Galaad. Com relação ao sacrifício, tem quem creia que ele não deve ser atenuado, isto é, ele realmente sacrificou sua filha. Este autor prefere acreditar que ela foi dada em serviço do templo. Mas aqui não é lugar para se discutir a questão.

<sup>15</sup> Tetragrama “YHWH”, que dá origem a palavra “Yahweh”, que dizemos ser, mesmo que imprecisamente, o nome do Deus de Israel. Estou autor optou pelo uso da letra “Y” não o “I”, levando em conta o fato de que no *Alef Beit*, não tem a vogal “I”. Mas isso é só uma questão de estética.

<sup>16</sup> “Então sentados por terra, silenciosos/os anciões da filha de Sião/lançam pó sobre sua cabeça/revestidos de pano de saco[...]”

cananeus. Entre os hebreus havia as “carpideiras”, isto é, mulheres choronas, profissionais contratadas para lamentarem a morte de alguém que, como se supõe, tinha posses. Tal curiosidade corresponde ao fenômeno das mulheres chorosas egípcias (Jer. 9.16<sup>17</sup>).

Entretanto, no que diz respeito ao costume de cortar a si mesmo (automutilação), como se verá adiante no tópico sobre Ugarit, a lei *apodítica* bíblica o proíbe. Em Levíticos 21.5<sup>18</sup> se proíbe aos sacerdotes de cortarem a si mesmos. Em Levíticos 19.28, tendo em vista que o narrado nesse capítulo é para toda a “comunidade”, tal proibição se estende a todo Israel. Ainda se proíbe aos sacerdotes de rasparem qualquer parte de suas cabeças ou cortar as laterais de suas barbas como um ato de luto.

Em outro lugar, aquela proibição é estendida a todo o povo de Israel (Det. 14.1<sup>19</sup>). Mesmo sendo essas práticas proibidas, elas persistiram, como se atestar em Miquéias (Miq. 1.16<sup>20</sup>) e Jeremias (Jer. 7.29<sup>21</sup>), onde esses atos fazem referência ao luto<sup>22</sup>. Uma possível explicação para a permanência dessas práticas seria o significado religiosa de caráter penitencial<sup>23</sup>. Embora a proibição de se cortar a carne seja uma clara resposta a práticas não-judaítas conhecidas, não se sabe de nenhuma evidência direta, seja ugarítica, mesopotâmica ou egípcia, para raspar as mechas como um ato de luto, embora haja referências egípcias a arrancar os cabelos.

---

<sup>17</sup> “[...] Chamai as carpideiras [...] mulheres hábeis [...] que se apremem e cantem lamentação [...]”

<sup>18</sup> “Não farão tonsura na cabeça, não rasparão a extremidade da barba e nem farão incisões no corpo”.

<sup>19</sup> “Sois filhos de Yahweh vosso Deus. Nunca vos marcareis com incisão ou tonsura entre vossos olhos por causa dos mortos”.

<sup>20</sup> “Corta os cabelos, raspa-os/pelos filhos da tua alegria! Alarga tua calva como água/porque eles foram exilados para longe de ti!”

<sup>21</sup> “Corta os teus cabelos consagrados e lança-os fora [...]”.

<sup>22</sup> Para mais informação *vide*: Isa. 3.24; Jer. 16.6; 41.5; 47.5; 48.37; Amós 8.10 etc.

<sup>23</sup> É notável o texto de Isaías que diz: “E no entanto, naquele dia fez o Senhor Yahweh dos Exércitos uma convocação para o choro, para o luto, para que raspásseis a cabeça e vos vestísseis com pano de saco. (Isa. 22.12).

## Práticas de luto ugaríticas

Os testemunhos sobre as práticas de luto entre os cananeus são encontrados nos textos ugaríticos. Em um texto onde se narra o lamento sobre Baal, lemos como El, o pai dos deuses, e Anat, irmã e amante de Baal, lamentam sobre o falecido Baal. Diz-se que El saiu do seu trono para o escabelo (apoio de pés), do escabelo para o chão, coloca sobre sua cabeça e testa cinzas, veste pano de saco<sup>24</sup> e corta a sua carne.

De El se lê:

*Então El, o bondoso, o compassivo,  
desceu de seu trono,  
sentou-se em seu banquinho,  
e descendo de seu banquinho, sentou-se no chão.  
Ele derramou terra em sua cabeça em sinal de luto,  
em seu crânio o pó rolou<sup>25</sup>;  
ele cobriu os lombos com pano de saco;  
ele cortou sua pele com uma faca,  
ele fez incisões com uma navalha;  
ele cortou as faces e o queixo,  
ele rasgou os braços com uma cana,  
ele lavrou<sup>26</sup> o peito como um jardim,  
ele rasgou as costas como um vale<sup>27</sup>.  
Ele levantou a voz e gritou: “Baal está morto: o que  
acontecerá com os povos?  
Filho de Dagon: o que acontecerá com as massas?  
Eu descerei à terra no lugar de Baal”.*

(CAT 1.5, Coluna VI, linhas 11, *apud* Huehnergard, Liebowitz, 2013, p. 64-65).

---

<sup>24</sup> Neste paralelo interessante, se conta a atitude dos ninivitas, com o seu rei, após ficarem sabendo das ameaças de Yahweh de em “quarenta dias” destruí Nínive. Quando a notícia chegou ao rei, “Ele levantou-se do seu trono, tirou seu manto, cingiu -se com pano de saco e assentou-se sobre a cinza”. Atitude semelhante foi com os homens, que creram em Deus e vestiram-se de pano de saco, desde o maior ao menor.

<sup>25</sup> Isto é, jogou pó sobre a sua cabeça.

<sup>26</sup> Isto é, raspou.

<sup>27</sup> Quer dizer: se chicoteou.

Anat, por sua vez, embora menos detalhadas, se envolve em práticas, ainda que relacionadas, mas diferentes, com ênfase em cortar a carne.

Diz-se:

*Ela cobriu seus lombos com pano de saco.  
Ela cortou sua pele com uma faca,  
ela fez incisões com uma navalha;  
ela cortou suas bochechas e queixo,  
ela rasgou seus braços com uma cana,  
ela lavrou seu peito como um jardim,  
“Baal está morto: o que acontecerá com os povos?  
Filho de Dagon: o que acontecerá com as massas?  
Desçamos à terra no lugar de Baal.”*  
(CAT 1.6, Coluna I, linhas 2-8, *apud* Huehnergard,  
Liebowitz, 2013, p. 65).

Já foi dito que em Levíticos 19.28 se proíbe a automutilação. Em Deuteronômio 16.1, tem a proibição de raspar a frente da cabeça, prática não atestada nos textos ugaríticos. Notável é fato de que os textos ugaríticos não se referem à tatuagem. O texto mitológico supracitado, possivelmente reflete o mundo ritual de Ugarit. Ainda se relata que, por ocasião da morte de sua esposa, o rei ugarítico Keret entrou em seu quarto e chorou ao ponto de suas lágrimas encharcarem sua cama (Huehnergard, Liebowitz, 2013).

Algumas das práticas de luto encontradas em Ugarit são semelhantes às narradas em Ezequiel, que está contextualizado no início do século VI a.C., em um aviso para Tiro sobre sua destruição iminente. Após ser conquistada por Nabucodonosor, lemos que:

Então todos os príncipes do mar descerão de seus tronos, tiraram suas capas e despiram suas vestes matizadas. Vestir-se-ão de temor, sentar-se-ão em terra, estremecerão a todo instante, por causa de ti (Ezequiel 26:16, Bíblia de Jerusalém).

## Práticas de luto mesopotâmicas

Segundo alguns textos que visam descrever os ritos fúnebres na Mesopotâmia, os enlutados choravam pelo falecido, rasgavam suas vestes, usavam panos de saco e abstinham-se de se arrumarem. O luto tinha a duração de sete dias. Por vezes, os enlutados se abstinham de comer, isto é, jejuavam.

No livro bíblico de Jonas lemos um relato muito curioso. Após fugir para não cumprir a ordem de Yahweh, Jonas vai a cidade de Nínive anunciar sua destruição. O rei saiu de seu trono, tirou seu manto, vestiu pano de saco e assentou-se sobre as cinzas. Conjurou um decreto com o seguinte teor “homem e animais, gados graúdo e miúdo, não provarão nada!” (Jonas 3:7ss, BÍBLIA DE JERUSALÉM). Ainda que se discuta a veracidade histórica dessa narrativa que, do ponto de vista literário, é uma novela satírica, ela reflete aquelas práticas de luto entre esses povos.

Outra prática curiosa era o coçar as bochechas no luto. Entretanto, no que diz respeito a mutilação corporal ou a tatuagem como parte do processo de luto, não há registros.

## Práticas de luto egípcias

Ainda que as fontes egípcias, no entender de Huehnergard, Liebowitz (2013), tragam uma enorme quantidade de informações sobre a morte e a vida *post mortem*, o que se sabe sobre as práticas reais de luto são relativamente poucas. Isso porque grande parte dos dados se concentram na mumificação, na pesagem do coração, no enterro e no culto fúnebre. Porém, as informações que se tem das tumbas privadas, nos fornecem alguns *insights* sobre a prática do luto que está associada à jornada para a tumba e ao serviço funerário. Entretanto, nada sobre o luto após o enterro.

As informações nas tumbas indicam que homens e mulheres choravam, se descabelavam e rasgavam suas vestes, colocavam cinza ou terra sobre suas cabeças, batiam na cabeça e se jogavam por sobre o chão. Essas práticas espelham o que se

conhece das narrativas bíblicas e dos textos ugaríticos. Huehnergard, Liebowitz (2013) nos fazem conhecer um relato comovente em que a esposa do falecido por nome de Menkab, com expressões extremamente angustiosas, põe a mão esquerda sobre o pé e a direita na cabeça da múmia.

Em algumas tumbas, o cortejo fúnebre é totalmente representado, como no caso da tumba de Neferhotep, enquanto em outras tumbas as cenas fúnebres são reduzidas. As pinturas da tumba fornecem evidências para práticas de luto, algumas das quais concordam em parte com dados da Bíblia e Ugarit, Huehnergard, Liebowitz, 2013).

Os ritos de luto estavam reservados principalmente às mulheres. Os homens, exceto os filhos, não aparecem chorando. Vestido com as vestes de um sacerdote, o filho é o principal celebrante, mas não chora. No funeral de Nakhtamun, sacerdote de Ramsseum, seu filho é representado oferecendo incenso a seu pai. Sua esposa é a principal enlutada, se destacando das demais.

No túmulo do regente das propriedades de Horemheb e Amon, sua esposa está em destaque das demais mulheres e lidera a procissão, enquanto as demais mulheres a seguem chorando. Em outros túmulos, as mulheres são apresentadas com lágrimas descendo sobre o rosto, porém, em outros, as mulheres não choram. Noutros as mulheres estão representadas com os seios expostos; já em outros, como é o caso da tumba do escultor de Amon, as mulheres são representadas lamentando, mas não expõem seus seios.

No túmulo de Neferhotep, as mulheres colocam pó ou cinza sobre as cabeças, enquanto outras estão com as mãos erguidas em direção do barco. Já outras estão representadas em pé chorando com as mãos levantadas. Em outras cenas, como na representação do funeral do escriba Ani, sua esposa está ajoelhada com os braços entorno do caixão vertical de seu marido.

Ainda existem representações em que muitos elementos estão fundidos. A viúva aparece sentada de cócoras, com um seio

exposto, chorando, tocando o caixão com a mão direita, enquanto coloca cinza com a esquerda por sobre a cabeça.

Entretanto, não se tem informações sobre as práticas ou duração do período de luto, além das mulheres serem representadas assentadas no chão e a colocarem cinza sobre as cabeças, as práticas são diferentes das que se realizavam entre os cananeus e israelitas. Não há evidências de que os enlutados se cortassem ou se tatuassem.

Os textos existentes nas pirâmides nada novo acrescentam além do que já se relatou. Os enlutados: choram; colocam os braços sobre a cabeça; as mulheres enlutadas têm seus cabelos desarrumados; agarram as pontas dos seios; outras choram com os seios expostos etc.

Em Gênesis, onde se descreve a morte do patriarca Jacó, tem valor *heurístico*, enquanto se refere ao embalsamento do falecido, que costumava, segundo texto bíblico, durar quarenta dias. Sendo que o período do luto foi de setenta dias, período que corresponde a mumificação. Todavia não traz informações sobre os procedimentos de luto. Narra-se que, após a morte de seu pai, “José lançou-se sobre o rosto do seu pai, cobriu-o de lágrimas e de beijos.” [...] ordenou “embalsamar seu pai” [...] “isso durou quarenta dias [...]”. E continua: “Os egípcios o choraram setenta dias”. O versículo 10 traz informações de que, após a permissão do faraó, José foi sepultar seu pai em *Goren-Atad*<sup>28</sup>, e “celebrou por seu pai de um luto de sete dias” (Gênesis 50.1-3,10, Bíblia de Jerusalém).

O versículo 26 desse capítulo vem nos informar a respeito da morte de José, mas se limita a esclarecer que o falecido foi embalsamado e posto em um sarcófago.

Em suma, pelo exposto, nota-se que as fontes extrabíblicas não compreendiam a tatuagem como uma prática de luto. Entretanto, ainda que a tatuagem possa representar uma prática de luto entre os povos vizinhos ao Antigo Israel, deferente

---

<sup>28</sup> *Goren-haAtad*, que significa, possivelmente, “eira do espinho” e *Abel-Mesraim*, que significa “prado dos egípcios”, é um trocadilho de palavras entre *abel* “prado” e *ebal* “luto”. São lugares que desconhecemos.

e não atestada como, por exemplo, a tatuagem do nome do falecido, a análise das práticas de luto entre esses povos não traz nenhuma referência à tatuagem.

Destarte, pode-se considerar que a proibição da tatuagem no Antigo Israel não está associada a prática de luto. Ao que tudo indica, existe a possibilidade de duas leis independentes terem sido justapostas. Como isso em mente, passamos a análise do tópico: a tatuagem no Antigo Israel.

## Parte II - A tatuagem no Antigo Israel

*“E não fareis nenhuma tatuagem. Eu sou Yahweh” (Levíticos 19.28b)*

Desejamos analisar o uso, bem como o significado, da tatuagem nos textos israelitas e povos vizinhos.

Mas, antes, como feito anteriormente, é mister fazer algumas observações em relação a palavra hebraica “*qa’aqá*”. Das edições consultadas, o termo “*qa’aqá*” foi traduzido 8 vezes por “tatuagem”, 3 vezes por “tatuagens”, 4 vezes por “marca”, 9 vezes por “marcas”, 1 vez por “tatuagem”, 1 vez por “tatuagem” e 1 por “tatuagem”.

Como já foi observado, Levíticos 19.28b proíbe a prática da tatuagem, mas não fornece nenhuma razão que a justifique. Levíticos 19.28a trata do luto que é semelhante as práticas de luto ugaríticas, e, ainda que em menor escala, egípcias. Uma vez que a parte “a” do versículo trata do luto, faz pensar que a parte “b”, onde se fala da tatuagem, esteja associada a primeira parte. Todavia, em outro lugar (Lev. 21.5) onde se trata da prática de luto, a tatuagem não é mencionada.

Destarte, como a proibição bíblica contra a prática da tatuagem não pôde ser atestada em conexão com os atos de luto do antigo Oriente, nos impele buscar entender essa proibição de outra forma.

Uma possível referência à tatuagem na Bíblia ocorre no livro de Isaías 44.5. O versículo traz uma promessa de Deus de derramar seu Espírito sobre os filhos de Jacó, para que brotem

como a erva. Para tanto, eles devem se comprometerem com Deus. Então:

*Este dirá: Eu pertenço a Yahweh,  
aquele se chamará pelo nome de Jacó,  
enquanto aquele outro escreverá na sua mão<sup>29</sup>: "De  
Yahweh",  
e receberá o nome de Israel  
(Isaías 44.5. Bíblia de Jerusalém).*

A frase (*yik-tôb yâ-dôw* = “escreverá [na] sua mão”) se nos apresenta com enorme dificuldade, uma vez que o verbo “*kàtab*” (raiz da palavra *yik-tôb*) não aparece em nenhum outro lugar com uma parte do corpo (mão) sendo seu objeto direto. A proposta é que, assim como em Levíticos 19.28b, o seu significado seja “*incisar*”, “*inscrever*”. É notável a referência à tatuagem nesta passagem com o cenário da prática comum de marcar um escravo com o nome do seu dono.

Uma leitura atenta, percebe-se que o texto faz alusão àqueles que se converteriam a Yahweh de outras nações. Como se notará mais adiante, era costume na Mesopotâmia os escravos serem marcados na testa ou nas mãos.

Texto semelhante ao de Isaías 44.5, relaciona a marca das mãos dos oblatos do templo de Eanna, “a escrava marcou sua mão com a estrela e escreveu uma inscrição em sua mão para o deus Nanâ” (Huehnergard, Liebowitz, 2013, p. 72).

No texto supracitado, uma escrava escreveu em sua mão um texto que a identifica como pertença a divindade, isto é, escrava da divindade. Precisamente, seria esta prática que o escritor de Isaías tinha em mente. Digno de nota é o fato de que a tatuagem do nome divino não é vista como sendo uma prática pejorativa no texto de Isaías. Sendo, portanto, comum entre as nações marcar o nome de um deus nos corpos de pessoas especialmente devotadas a ele e, embora a prática fosse proibida aos israelitas, ela poderia naturalmente continuar em uso entre os prosélitos.

---

<sup>29</sup> Ou “braço”.

## **A tatuagem na Mesopotâmia**

Já foi citado que na antiga Mesopotâmia foi comum, em alguns períodos, os escravos serem marcados por incisão ou marca, ou por uma tatuagem na testa ou nas mãos. Esta prática tinha a finalidade de identificar o escravo que viesse se perder ou fugir, ao ser encontrado, fosse devolvido ao seu dono. Era terminantemente proibido retirar ou apagar a marca. Aquele que assim fizesse ou mesmo encorajasse outrem a fazer, poderia ser punido com a penal capital.

A escravidão era algo comum entre os povos vizinho a Israel, até mesmo em Israel, existia escravos. Os textos dão vasto testemunho dessa prática que, hoje nos parece horrenda, naqueles tempos era natural. Existia leis, como o “Código de Hamurabi”, na Babilônia, “o Código da Aliança”, Êxodo 20. 21 ss., que dão testemunhos dessa prática.

Existia três formas de escravidão: aquela que se dava por meio da conquista, comprada e a voluntária, isto é, aquela em que um devedor, para quitar a dívida, poderia se dá por escravo ou alguns de seus entes, como mulher, filhos, filhas etc., ao credor.

Kramer (1997), nos conta sobre um assassinato que envolveu três homens, sendo que um deles era escravo. Isto nos faz pensar o quão era comum a escravidão na Mesopotâmia. A igualdade ainda se mostra na sentença em que todos os três tiveram o mesmo destino, a pena capital.

## **A tatuagem no antigo Egito**

Desejamos abordar a temática da tatuagem no Antigo Egito.

Embora não seja algo exclusivo, as tatuagens no Egito antigo são encontradas, em grande parte, nas mulheres. Elas foram identificadas como dançarinas ou escravas, mas existem algumas provas de que mulheres livres tinham tatuagens. Estátuas de escravas trazem desenhos pintados ou tatuados em seus

braços, pernas e torsos. Mas não só mulheres escravas tinham tatuagens, mulheres do alto escalão também se tatuavam.

Segundo Huehnergard e Liebowitz (2013), os escravos seriam marcados com o nome de um deus, sendo, assim, pertencentes ao sacerdote ou ao faraó, que por sua vez, pertenciam ao Estado. Portanto, devemos concluir que a tatuagem no Egito, como na Mesopotâmia, era uma marca intimamente associada a escravidão. Tendo em mente este senso de pertença, é possível que os seguidores de alguma divindade pudessem também tatuar o nome dela, como já foi ventilado acima.

Assim, o que foi exposto acima, leva a entender que no período bíblico a tatuagem estava associada não à prática de luto ou a ritos fúnebres, mas à marca que identificava um(a) escravo(a). Sem a menor sombra de dúvidas, a saída do Egito tem um papel crucial na teologia e na lei judaica. Yahweh liberta Israel da escravidão. Para enfatizar a liberdade do povo de Israel, em relação aos senhores humanos, a Torá proibiu a prática da tatuagem, por ser um símbolo de marcação de escravos, tanto na Mesopotâmia, como no Egito.

Ainda que os israelitas nunca tenham sido livres, mas trocados de mestre (não eram mais escravos do faraó, mas eram escravos de Yahweh), os sinais dessa nova servidão, segundo Deuteronômio 6.6-9<sup>30</sup>, eram o uso de *filactérios* na mão, na cabeça, nos umbrais (batentes) das casas e a guarda do sábado. Eles deveriam manter distância de qualquer ideia formal da servidão, como a tatuagem. Ainda que se posso objetar a ideia de que a circuncisão era um sinal de servidão, na verdade ela era um sinal de aliança (Gên. 17.10,11<sup>31</sup>). A única possibilidade é aquela sugerida em Isaías 44.5.

Dessa forma, evitar tatuar-se era um testemunho do Êxodo, da libertação da escravidão. Igualmente, a proibição de se

---

<sup>30</sup> “Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! [...] Tu as ataras também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tuas escreverás nos umbrais da tua casa, e nas portas”.

<sup>31</sup> “Eis a minha aliança que será observado entre mim e vós, isto é, tua raça depois de ti: todos os vossos machos sejam circuncidados. Fareis circuncidar a carne de vosso prepúcio e este será sinal da aliança entre mim e vós”.

fazer algum trabalho no sábado era para lembrar da redenção de Israel da escravidão egípcia. “Guardarás o dia de sábado para santificá-lo, conforme ordenou Yahweh teu Deus. [...] Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que Yahweh teu Deus te fez sair de lá com braço estendido. É por isso que Yahweh teu Deus te ornou guardar o sábado” (Deu. 5.12-15, BÍBLIA DE JERUSALEM). Claramente a justificativa para a guarda do sábado é diferente da de Êxodo 20. A justificativa agora é um sinal, trazer a memória a libertação da escravidão egípcia.

### **Parte III – A tatuagem nos textos rabínicos**

Por tudo que já se tratou acima, poderia se dar por satisfeita a questão, mas gostaríamos de tecer algumas linhas sobre o assunto, agora buscando entendê-lo nos textos rabínicos.

Ao se abordar o assunto em tela com fito nos textos rabínicos, vê-se que as práticas de luto não são mais um relato do que as pessoas faziam para expressar pesares, lamentos etc., mas o que era exigido. “Práticas de luto positivas e negativas (como outros aspectos da lei oral) foram formalizadas, codificadas, sistematizadas e agora se tornaram normativas”, observa Huehnergard, Liebowitz (2013, p. 74). Então, o que era costume passou a ser lei. Dessa forma, versículos de 2 Samuel, Amós, Ezequiel etc., são apresentados como base legal para as leis codificadas.

Assim, os sete dias de luto tornaram-se lei normativa. O rasgar as vestes assumiu requisitos formalizados. Assim, fazer um rasgo de certo comprimento e rasgar o lado esquerdo por um pai e o lado direito para todos os outros enlutados, era a regra. O rito do período bíblico de assentar-se sobre o chão, foi transformado em uma proibição de assentar-se sobre uma cadeira. Além do mais, “proibiram trabalhar, tomar banho ou lavar e unguir a pele, lavar e trocar de roupa, usar sandálias, relações sexuais e sair de casa durante todo o período de luto de sete dias”, apontou Huehnergard, Liebowitz (2013, p. 75). Em contrapartida, outras práticas deixaram de existir. A exemplo, o porte do ombro,

desgrenhar o cabelo ou cobrir o lábio superior, o envolvimento de uma roupa visivelmente em volta da cabeça, ambas baseadas em Ezequiel 24.17 “Geme em silêncio, não ponhas luto por mortos. Cobre-te com teu turbante e suas sandálias, não cubras a barba, nem comas o pão ordinário” (Bíblia de Jerusalém).

*Mister* é o fato de que no *Talmud*, os códigos e manuais sobre o luto não têm qualquer referência à tatuagem. Silêncio esse que nos leva a crer não ser a tatuagem uma prática de luto.

Segundo Huehnergard, Liebowitz (2013), é na *Mishná* (mMak 3.6) que a tatuagem passa a ser proibida. Entretanto, essa proibição não é posta em um contexto de luto, nem em qualquer outro contexto. Porém, só se estipula o que seria a mecânica da tatuagem para ser culpado pela prática. Para que se houvesse a culpa, algo tinha que ser escrito e infundido com um corante por via subcutânea. Não se identifica o que deveria ser escrito para que alguém seja considerado culpado. Para alguns, era proibido escrever o nome de Deus.

Na tentativa de interpretar aquele ponto de vista, duas explicações foram propostas: a primeira entende que só era culpado quem escrevesse "eu sou o Senhor". A segunda proposta entende que culpado era apenas quem escrevia o nome de uma divindade que não fosse o Deus de Israel. Possivelmente, essas proibições tinham como base os versos do Decálogo em Êxodo 20: “Não terás outros deuses além de mim”; “Não pronunciarás em falso o nome de Yahweh teu Deus [...]” (Bíblia de Jerusalém) e Deuteronômio 5: “Não terás outros deuses diante de mim”; “Não pronunciarás em falso o nome de Yahweh teu Deus [...]” (Bíblia de Jerusalém), pois ambos proíbem o uso do nome divino em vão, bem como proíbem a prática da idolatria.

A *Tosefta* entende que, por violação intencional, tanto o que se tatua como o que faz a tatuagem, são culpados. Entretanto, se alguém escreve sobre o escravo para que ele não fuja, ele não é culpado. Aqui ainda se elimina por completo a ideia (já apontada acima) de que a lei tinha a ver com a marcação de um escravo, entendendo que a proibição tem a ver com a idolatria<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Não se é culpado até que escreva e pique a tinta com o propósito de idolatria.

O autor parece estar ciente da prática existente no império romano de se escrever o nome do proprietário no escravo, mas rejeita e passa a explicar a proibição de Levíticos 19.28b, como uma referência à idolatria.

Saber quais escravos eram marcados e os métodos precisos para marcar um escravo, não é simples. Diodorus Siculus, escreve em sua “História do Mundo” sobre os escravos que os sicilianos compraram: “Eles trouxeram rebanhos deles para a Sicília dos lugares onde foram criados e imediatamente os marcaram e colocaram marcas de identificação em seus corpos” (Huehnergard, Liebowitz, 2013, p. 76). Isto implica que pelo menos alguns escravos foram imediatamente marcados. O método de marcação de escravos com marcas de identificação também requer esclarecimento. Usaram ferro de marcar, como no gado do período romano, que remonta ao Antigo Egito, ou tatuaram os escravos? É possível que os escravos problemáticos eram marcados em seus rostos com marcas ou, mais provavelmente, tatuagens para identificá-los e os crimes pelos quais haviam sido marcados.

Entendimento semelhante, conforme apontam Huehnergard e Liebowitz (2013), é o de Moisés Maimônides, que compreende a proibição contra a tatuagem por essa estar associada a práticas de idolatria.

A partir desse período, a proibição da tatuagem passou a ser compreendida em um contexto de idolatria, ao contrário de como era entendida no período bíblico que, como já foi aludido, ela era entendida no contexto de marcação de escravos.

## **Conclusão**

Ficou claro que no período bíblico a proibição da tatuagem em Levíticos 19.28b, estava associada a marcação de escravos. No período rabínico, e nas interpretações posteriores, a proibição assumiu outro caráter, estando agora em associação com a idolatria. Ainda que no Antigo Israel existissem muitas práticas similares com os povos cananeus, mesopotâmicos e egípcios, havia uma árdua luta contra os cultos estrangeiros.

Cultos esses que visavam tirar sua liberdade assegurada por Yahweh. Essas proibições, que nos parece estranhas, mostram uma tendência, quase apaixonada, pela purificação de toda a vida cotidiana.

Nossa tentativa foi de entender o que significa “*Não fareis incisões no corpo por algum morto e não fareis nenhuma tatuagem. Eu sou Yahweh*” (Levíticos 19.28). Partiu-se do pressuposto de que a proibição da tatuagem no Antigo Israel estava associada a questão da escravidão, e não por ser uma prática ligada aos ritos de luto dos povos vizinhos a Israel. Essa odisséia deixou esclarecido que tal prática não era habitual nos povos vizinhos de Israel.

Logo se proibiu a tatuagem não por estar associada a práticas de ritos fúnebres ou luto, ou mesmo por ser uma prática ligada a idolatria, mas por ser uma marca que estava intimamente associada a escravidão. O povo Hebreu, que fora liberto por Yahweh, tinha que se abster de tal prática.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** Nova edi., rev. e ampl. São Paulo: Editora Paulus, 9ª reimpressão.

**BIBLEHUB.** Disponível em <<http://biblehub.com>>. Acessado em 5 de abril de 2024.

BOECKER, Hans Jochen. **Orientações para a vida: direito e lei no Antigo Testamento.** Trad. Erica I. Ziegler. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BOUZON, Emanuel. **O Código de Hammurabi.** Petrópolis: Vozes, 1976.

BOUZON, Emanuel. **Escravidão e dívidas na legislação cuneiforme e seus reflexos na legislação do antigo israel.** CADMO - *Revista do Instituto Oriental Universidade de Lisboa.* Lisboa, v. 8/9, (p. 29-48). Disponíveis em: <<https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023, às 18:48:24.

COMENTÁRIO DO PÚLPITO. Disponível em. <<http://biblehub.com/interlinear/leviticus/19-28.htm>>. Acessado em 5 de abril de 2025.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Corpos ilustrados e enfeitados: tatuagens e marcas corporais**. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, Porto Alegre/RS, v. 16, n. 1, pp 139-150, abril 2014.

DA SILVA, Juvan vieira. **A tatuagem como expressão de fé no cristianismo copta**. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, n 21 (1ºS. 2019), pp. 291-310, fevereiro de 2019.

HILL, Andrew E. e WELTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. Trad. Lailah Noronha. São Paulo: Editora Vida, 2007.

HUEHNERGARD, John e LIEBOWITZ, Harold. **The Biblical Prohibition Against Tattooing**. *Vetus Testamentum*. v. 63, n. 1, 2013, pp. 59-77. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/23496450>. Acesso em 6 de abril de 2024.

LEVITICUS. Disponível em. <<http://biblehub.com/interlinear/leviticus/19-28.htm>>. Acessado em 5 de abril de 2025.

KRAMER, Samuel Noah. **A história começa na suméria**. Publicações Europa-América, LTDA. Apartamento 8, 2726, MEM MARTINS CODEX, Portugal, 1997. (Coleção Fórum da História; v. 27).

RAD, Gerhard Von. **Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas / João do RIO**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROAF, Michael. **Grandes Impérios e Civilizações: Mesopotâmia**. Ediciones del Prado, S.A., 1997.

SOARES, Ezequias. **Septuaginta: Guia histórico e literário**. São Paulo: Hagnos, 2009.

VIEIRA, Jair Lot. **Código de Hamurabi: Código de Manu (livros oitavo e nono): Lei das XII Tábuas**. São Paulo: Edipro, 3<sup>a</sup> ed., 2011.

WOLFF, H. W. **Bíblia: Antigo Testamento, introdução aos escritos e aos métodos de estudo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

Recebido em: 02/05/2025

Aprovado em: 03/05/2025